

A presença norte-americana nos escritos de Martí e Rodó: a polarização América Latina versus Estados Unidos nos tempos do pan-americanismo

Sabemos que tanto Martí como Rodó construíram uma certa polarização entre a América Latina e os Estados Unidos. O pan-americanismo foi um tema relevante para Martí, tendo em vista sua participação nas primeiras reuniões para a Conferência pan-americana, convocadas pelos Estados Unidos em 1889. No caso de Rodó, o fim da guerra hispano-americana em 1898, resultando na derrota da Espanha e no fortalecimento das relações entre a intelectualidade latino-americana e espanhola, bem como na produção da *hispanidad*, influenciaria os seus escritos.

O pan-americanismo¹ surgiu na década de 1880 e ocupou por muitos anos o cenário político e intelectual do continente americano. Proveniente de *Pan América*, o termo foi cunhado pelos Estados Unidos em 1889, quando planejaram a criação de uma “União Americana”, visando diminuir a influência da Europa no continente e paralelamente ampliar as suas relações comerciais com os demais países americanos.

James G. Blaine (1830-1893), também considerado o maior porta voz da doutrina do “Destino Manifesto”, foi o principal autor e executor do projeto pan-americano.² Em 1881, quando secretário de Estado, defendeu esta política, mas a oposição do Partido Democrata inviabilizou-a. No final dos anos de 1880, quando

¹ Compete lembrar que é possível perceber a utilização do termo pan-americanismo em dois momentos históricos distintos. A primeira vez que foi empregado remetia a oposição à Europa pelas colônias americanas que lutavam pela independência, com a iniciativa de Simon Bolívar em 1826, de convocar o *Congresso do Panamá* no intuito de apresentar seu projeto de união americana. Um segundo momento, que é o que nos interessa aqui, é o do pan-americanismo norte-americano, inaugurado, segundo Fernando Vale Castro, com o corolário da declaração de Monroe e dominante a partir do final do século XIX. Ver Fernando Luis Vale CASTRO. “Pensando um continente: A Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul”. Tese de doutorado, PUC-Rio, 2007.

² Esta doutrina já havia sido defendida anteriormente por políticos como James Buchanan (1791-1868), Jeremiah Sullivan Black (1810-1883) e William H. Seward (1801-1872).

o pan-americanismo foi novamente “proposto”, coube a Blaine, então secretário de Estado, orientar a sua reunião inicial.³

Nas últimas décadas do oitocentos os Estados Unidos passaram a despertar, entre políticos e intelectuais da América Latina, suspeitas acerca de suas intenções imperialistas. Martí foi um dos primeiros a denunciar esta política pan-americana como um pretexto norte-americano para a sua ingerência no continente. Com esse intuito, publicou em 1889, no *La Nación* o artigo “Congreso Internacional de Washington: su historia, sus elementos y sus tendencias”, texto onde expunha a necessidade de olhar cuidadosamente o convite que os Estados Unidos estavam fazendo aos países americanos.

Para Martí, a motivação real do Congresso ao propor o “panismo” era atender às necessidades comerciais da jovem indústria norte-americana. Além disso, em sua opinião, existiriam também outras questões mais profundas, atrelando a conjuntura econômica à tradicional política de determinados setores daquele país em relação aos países do Sul. Tal política vinha com uma face nova e seu programa, fundamentalmente comercial, servia de justificativa para atender aos interesses das grandes indústrias financeiras do país.⁴

Além do escritor cubano, outros intelectuais latino-americanos reagiram à política pan-americana. Na Argentina, Uruguai, Venezuela, Brasil e México, muitos se manifestaram contrários a tal política e declararam os perigos que poderiam sobrevir com o pan-americanismo. Diversos intelectuais denunciaram o que estava por traz do corolário do monroísmo. Inúmeros artigos publicados nesse período apontavam os perigos que essa doutrina representava, argumentando que a política defendida pelos Estados Unidos não passava de uma artimanha para o domínio de pólo a pólo do continente. Na Argentina, Rodríguez del Busto (1848-1926) e Manuel Ugarte (1875-1951) registraram os seus temores a esse respeito.

Rodríguez del Busto chamou a atenção para a ação dos Estados Unidos no continente e a pretensão deles de “assenhorear-se” dos países ibero-americanos. Também percebeu no Brasil um provável cúmplice da potência do norte. Em sua

³ José J. Caicedo CASTILLA. *El Panamericanismo*. Buenos Aires: Roque Depalma, 1961, p. 26.

⁴ Arturo ARDAO. “Panamericanismo y Latinoamericanismo”. In: *América Latina en sus ideas*. Leopoldo ZEA (org.), México, Siglo XXI/UNESCO, 1986. p. 159.

opinião, a única alternativa para a América Hispânica impedir o domínio estadunidense era a confederação de todas as nações ibero-americanas.⁵

Manuel Ugarte aludindo ao fato dos Estados Unidos terem estimulado a separação do Panamá da Colômbia, afirmou que isso só poderia fazer supor que a doutrina Monroe, que em um primeiro momento “pareció salvaguardia para toda América”, converteu-se “en instrumento de tiranía”.⁶

O escritor venezuelano César Zumeta, em 1899, publicou em Nova York o folheto *El Continente Enfermo*.⁷ Neste, defendeu a união entre as repúblicas latino-americanas e a necessidade de se armarem para combaterem os interesses das potências imperialistas (europeia e norte-americana) que via como ameaça às suas soberanias. No ano seguinte, Zumeta publicou em Paris, na revista *América*, uma nota editorial a respeito da Conferência Pan-americana, considerando os “negócios” ou o *American Business*, a sua principal motivação. Além disso, destacou que os Estados Unidos julgavam todos os povos da América Hispânica favoráveis à *yanquizar*,⁸ por conseguinte, era preciso impor-lhes limites.

Esse autor alertou para o perigo que circundava a independência das repúblicas da América “Intertropical”⁹ e criticou o comodismo latino-americano frente a todas as ameaças. Zumeta considerava que o desfecho da guerra de independência cubana havia superado as conquistas de Bolívar para a “nuestra” América em Ayacucho, nos anos 1820. Além disso, o autor acreditava que a política iniciada pelos Estados Unidos, naquela época, os convertia em potência colonizadora.

A presença estadunidense no continente foi rechaçada por muitos intelectuais e políticos que, por sua vez, defenderam a necessidade de se afastarem da influência econômica dos Estados Unidos. Contudo, se foram muitos os que se posicionaram contrariamente ao monroísmo, não foram poucos, na América Latina, os que viram com bons olhos o estreitamento das relações com os Estados Unidos.

⁵ José VERÍSSIMO. “A Regeneração da América Latina”. In: José VERÍSSIMO. *Cultura, Literatura e Política na América Latina*. Seleção e apresentação: João Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. p. 19.

⁶ Manuel UGARTE. “Los pueblos del sur ante el imperialismo norteamericano”. In: Manuel UGARTE. *La Nación Latinoamericana*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2005. p. 75.

⁷ Este folheto foi reeditado posteriormente, em 1961, com compilações de vários artigos escritos por Zumeta ao longo do século XX, formando uma obra maior sob o mesmo título.

⁸ César ZUMETA. *El Continente Enfermo*. Caracas: Colección “Rescate”, 1961. p. 215.

⁹ *Ibid.* p. 19.

Este é o caso do diplomata e escritor brasileiro Joaquim Nabuco (1849-1910). Nabuco sustentava que os Estados Unidos eram o melhor exemplo de uma república presidencialista na América e expressão máxima do progresso industrial.¹⁰ Portanto, seria adequado que as repúblicas latino-americanas fossem lideradas por esse país.¹¹ Ao contrário de muitos de seus contemporâneos, Nabuco não acreditava que os Estados Unidos tivessem intenções imperialistas na América Latina.

Artur Orlando (1858-1916), assim como ele, também foi defensor e propagandista do pan-americanismo. Porém, não deixou de destacar as intenções expansionistas dos Estados Unidos, as quais, segundo ele, eram implícitas à doutrina de Monroe e à ideia de Destino Manifesto. Artur Orlando considerava o expansionismo importante para o crescimento e desenvolvimento dos países latino-americanos. Em sua opinião, apesar do caráter expansionista, o pan-americanismo não possuía intenções imperialistas, e trazia a ideia de uma articulação das três Américas, onde haveria uma comunhão internacional de interesses políticos, econômicos e morais, com o intuito de garantir à civilização futura o seu pleno desenvolvimento.¹²

Em dezembro de 1889, Martí publicou, em Buenos Aires, no *La Nación*, o artigo “Congresso Internacional de Washington”. Neste, apontou inúmeros políticos interessados na política pan-americana, inclusive aqueles que se apressavam em defender mais do que uma aproximação política, desejando um protetorado ou mesmo a anexação àquele país. Citou como exemplo o comportamento de um pretendente à presidência da Costa Rica, declaradamente favorável a anexação de seu país pelos Estados Unidos.

Nota-se, portanto, que a política pan-americanista apesar dos contundentes ataques por parte de expoentes da intelectualidade latino-americana, teve nela também os seus defensores. Além disso, o pan-americanismo sofreria muitas transformações ao longo do século XX, o que pode estar ligado à projeção que os

¹⁰ Marco Antonio PAMPLONA. “Una perspectiva ‘arielista’ entre los hombres públicos brasileños de fin de siglo: Estados Unidos en los escritos de Joaquim Nabuco y Oliveira Lima”. In: Victor A. Weiss ARRIAGA e Ana Rosa SUÁREZ ARGÜELLO (compiladores). *Estados Unidos desde América Latina: Sociedad, política y cultura*. México: Centro de Investigación y Docencia Económicas, 1995. p. 188.

¹¹ Kátia Gerab BAGGIO. “A “Outra América”: A América Latina na Visão dos intelectuais Brasileiros das Primeiras Décadas Republicanas”. Tese de Doutorado, USP, 1999. p. 136.

¹² *Ibid.* p. 165.

Estados Unidos foram ganhando, não só no continente como no mundo.¹³ Isto permitiria que as questões envolvendo os países latino-americanos também fossem repensadas.

Em muitos momentos é possível observar-se tanto o incentivo para que as relações entre estes países fossem estreitadas, como também a possibilidade de uma confederação latino-americana para vencer o perigo que, supunha-se, a potência norte-americana representava. A repercussão da guerra de independência cubana e o surgimento da *hispanidad* constituem os outros dois elementos que contribuíram para redimensionar esse debate. Veremos a seguir como interfeririam nas relações entre a intelectualidade latino-americana e espanhola e na percepção latino-americana da atuação dos Estados Unidos na virada do século.

Após a guerra hispano-cubana-americana, em 1898, e a assinatura em dezembro do mesmo ano do *Tratado de Paris* que obrigava a Espanha a renunciar seu domínio sobre Cuba, Porto Rico, Filipinas e Guam, em benefício dos Estados Unidos, as relações entre os intelectuais da Espanha, conhecidos como a “geração de 1898”, e os intelectuais da América Latina viram-se modificadas e os laços entre os dois lados do Atlântico tornaram-se mais estreitos.

A “geração de 1898” surgira na Espanha marcada pelo pessimismo, uma vez que sua origem remetia à derrota na guerra hispano-americana de 1898. Também esteve relacionada ao aparecimento de um novo significado da palavra intelectual, sobretudo na Espanha e na França em fins do século XIX, quando homens de ciência e cultura começaram a intervir mais autonomamente no debate público por meio de manifestos na imprensa. Esta geração procurou num primeiro momento modernizar a Espanha por meio da razão, democracia e progresso econômico. Logo depois, procurou afirmar a própria identidade espanhola, através do resgate da noção de *hispanidad*.

Diante da crise na qual a Espanha se encontrava, após a derrubada dos seus últimos rincões coloniais na América e na Ásia, os intelectuais se uniram no anseio de regenerar seu país por meio de sua entrada na modernidade sem,

¹³ É o caso, por exemplo, do escritor brasileiro Manoel Bomfim (1868-1932), que na primeira edição de sua obra *América Latina: males de origem* (1905) se mostrara bastante “simpático” aos Estados Unidos, inclusive considerando que estes, com a Doutrina Monroe, representavam uma barreira ao apetite europeu sobre a América. Contudo, posteriormente, acrescentaria outras notas a esta obra, denunciando a política externa e o imperialismo dos Estados Unidos no continente.

contudo, perder a identidade própria. A preocupação dos chamados “regeneracionistas”, além das condições materiais, era principalmente com a regeneração espiritual da “raça hispânica”, aqui entendida num viés cultural. Os principais nomes associados a esta geração foram: Miguel de Unamuno, Ramiro de Maeztu, José Martínez Ruiz (conhecido como Azorín), Angél Ganivet e José Ortega y Gasset.¹⁴

A guerra hispano-americana também contribuiu para uma imagem negativa dos Estados Unidos. A definição de um inimigo comum permitia a criação de uma rede de solidariedade que construía laços de identidade a partir de sensibilidades comuns.¹⁵ Surgiram correntes hispano-americanistas que valorizando a antiga metrópole, colaboraram para o trânsito de ideias entre as ex-colônias e a ex-metrópole. Segundo Antonio Mitre, a derrota espanhola teria levado a geração de 1898 a um “ato de introspecção e reflexão circunstanciada sobre as causas da catástrofe”.¹⁶

Neste contexto, formou-se uma rede de contatos entre os intelectuais de ambos os lados do Atlântico que mantiveram um intenso e fecundo diálogo. Ruben Darío, na época correspondente do jornal argentino *La Nación*, viajou à Espanha, em 1898, e lá entrou em contato com Miguel de Unamuno. A caminho do velho mundo o poeta nicaraguense escreveu uma crônica na qual exaltava a antiga metrópole ibérica:

De nuevo en marcha, y hacia el país maternal que el alma americana – americano-española – ha de saludar siempre con respeto, ha de querer con cariño hondo. Porque si ya no es la antigua poderosa, la dominadora imperial, amarla el doble; y si está herida, tender a ella mucho más.¹⁷

Unamuno foi figura central na constituição dessa rede entre os escritores espanhóis e latino-americanos. Ele manteve correspondência com diversos escritores hispano-americanos comentando suas obras e colaborando com a

¹⁴ Maria Helena CAPELATO. “A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica”. IN: *História*, São Paulo, 2003. pp. 39-40 e 44-45.

¹⁵ Eduardo DEVÉS. “El pensamiento latino-americano entre la última orilla del siglo XIX y la primera del siglo XXI”. In: Leopoldo ZEA e Adalberto SANTANA (compiladores). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001. p. 33.

¹⁶ Antonio F. MITRE. “Estado, Nação e Território na Bolívia Oligárquica, 1850-1914”. In: Marco Antonio PAMPLONA e Maria Elisa MÄDER (org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Peru e Bolívia*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 219.

¹⁷ Ruben DARÍO. *Apud*. Eduardo DEVÉS. *Op. cit.* p. 23.

circulação destas e de pessoas interessadas pelo ibérico e o americano no início do século XX.¹⁸ Além disso, divulgou na Espanha a produção intelectual da América Latina, que na época era desprezada e desqualificada por seus conterrâneos. Pío Baroja (1872-1956), por exemplo, chegou inclusive a escrever de modo desrespeitoso acerca do Novo Mundo. Esse escritor declarou a falta de simpatia que sentia tanto pelos hispano-americanos quanto por sua produção intelectual. Criticou autores como Sarmiento, Manuel Ugarte, José Ingenieros e Ricardo Rojas, afirmando: “¡Qué oleada de vulgaridad, snobismo, chabacanería nos há venido de América!”¹⁹

De maneira diferente, Unamuno estimulava a unidade do mundo hispânico e a existência de laços sanguíneos entre a Espanha e a América Hispânica. Enfatizava a importância do conhecimento mútuo entre os dois povos e os benefícios da aproximação espiritual entre eles. O escritor espanhol Rafael Altamira (1866-1951) também se empenhou muito nesse sentido e incentivou o desenvolvimento de políticas culturais, com o objetivo de reerguer o prestígio da Espanha nas antigas colônias e persuadi-los “da possibilidade de conviver espiritualmente”.²⁰

De acordo com Eduardo Devés, o estabelecimento dessa rede intelectual também guarda relação com a forma como a Espanha passou a ser vista pelos latino-americanos. Segundo ele a vitória dos Estados Unidos rendera à antiga metrópole a imagem de uma Espanha derrotada, doente e humilhada, permitindo-lhe que se tornasse aos olhos das suas ex-colônias “más accesible y más sensible, más interesante y más receptiva que aquella otra anticuada y soberbia”, e passasse a despertar sentimento de solidariedade.²¹ Tal imagem se intensificava à medida que os Estados Unidos passavam a ser percebidos como ameaça por determinados intelectuais.

Nas primeiras décadas do século XX, muitos escritores espanhóis vieram para a América Latina e passaram a viver um período neste continente, ao mesmo tempo em que escritores hispano-americanos viajaram ou se instalaram na

¹⁸ *Ibid.* p. 24.

¹⁹ Pío BAROJA. *Apud.* Jaime ALAZRAKI. “Unamuno Crítico de la Literatura Hispanoamericana”. *Hispania*, vol. 49, nº4, 1966, p. 756. pp. 755-763.

²⁰ Eduardo DEVÉS. *Op. cit.* p. 31.

²¹ Nessa época países como Argentina, Chile e Uruguai demonstraram solidariedade para com a Espanha, oferecendo homens e dinheiro para auxiliar na guerra contra os Estados Unidos. Não obstante o governo dos respectivos países procurasse se manter neutros, a opinião pública agiu de maneira diversa, inclusive fazendo atos e levantando fundos para ajudar a Espanha. *Ibid.* p. 23

Espanha. Fora o caso, só para citar alguns nomes, dos espanhóis Unamuno, Valle Inclán, Maeztu, Rafael Altamira e Ortega y Gasset, e dos latino-americanos Manuel Ugarte, Ricardo Rojas, Rufino Blanco Fombona, Alcides Arguedas, Manuel Gálvez e Alfonso Reyes.

Essa aproximação entre a Espanha e a América Latina, segundo Devés, relacionava-se em grande parte, ao fracasso do projeto modernizador inspirado no modelo estadunidense de desenvolvimento, o qual vinha perdendo, aos poucos, espaço para uma espécie de identitarismo, em que o hispânico e latino eram percebidos como elementos autênticos da América Latina.²²

Nessa perspectiva, surgiram obras tanto na América quanto na Espanha destacando o espiritualismo da América Latina em relação ao materialismo dos Estados Unidos, e a mais conhecida é o *Ariel* de Rodó. Este ensaio trouxe novamente a polaridade entre as raças, no entanto, num viés diferenciado no qual as raízes ibéricas eram valorizadas e tomadas como elemento importante constitutivo da identidade latino-americana.

Pouco antes, o proeminente poeta modernista Rubén Darío já havia refletido a este respeito, exaltando a antiga metrópole e relegando aos Estados Unidos o papel de antagonista. Nesse sentido, Darío abriu espaço para uma nova dimensão americana que possuía atitudes de solidariedade frente às ameaças históricas do “Colosso do Norte”.

Os intelectuais que propunham a valorização da tradição ibérica incentivavam uma mudança na atitude do homem latino-americano de maneira a debelar qualquer sentimento de inferioridade, pessimismo e frustração frente aos Estados Unidos. De acordo com algumas interpretações, isso era reflexo das emoções de uma época em que proliferavam análises acerca da condição “patológica” do continente.²³ Ainda no século XIX, teorias zoológicas como as de George Buffon (1707-1788) que afirmavam a “inferioridade” da América em relação à Europa tinham grandes reflexos.²⁴

²² *Ibid. Loc. Cit.*

²³ Fernando AINSA. “Ariel, uma leitura para o ano 2000”. IN: *Cuadernos Hispanoamericanos*, nº 613-614, 2001. pp.103-110.

²⁴ Maria Ligia Coelho PRADO. *América Latina no século XIX: Tramas Telas e Textos*. 2ª ed – São Paulo: Edusp, 2004. p. 182.

Cumprе destacar que Mónica Quijada critica as análises que tomam o “desastre”²⁵ como responsável pela dissolução da última barreira que impedia o contato entre ambos os lados do atlântico,²⁶ e as proposições que transformaram o “1898” como um divisor de águas nas relações entre América Hispânica e Espanha. Em sua opinião, isso já vinha ocorrendo desde os anos 1870. Para a autora o que teria caracterizado o discurso que se produziu em torno da guerra foi exatamente a racialização extrema das dicotomias, tanto na América como na Europa. Desse modo, o conflito entre Espanha e Estados Unidos passou a ser visto em termos de um combate entre duas “raças”²⁷ consideradas antitéticas.²⁸

Assim, conforme defende essa autora, sem uma visão racializada da guerra, dificilmente ter-se-ia dado a aproximação afetiva de boa parte da América com a Espanha, até mesmo com os setores liberais daquela primeira, os quais eram, tradicionalmente, anti-hispânicos. Tal aproximação substituiu os termos do debate. O eixo da discussão passou a versar sobre as possibilidades de cada uma das duas “raças”, não só elevar-se com a vitória na guerra, mas também prosseguir e/ou liderar o caminho da civilização.²⁹

De toda forma, se o *desastre* não determinou a retomada das relações entre essa intelectualidade, ele seguramente as intensificou e fortaleceu. A vinda de espanhóis, ligados a geração de 1898, para a América e a maior divulgação da produção cultural dos hispano-americanos na Espanha são expressões disso.

²⁵ Intelectuais espanhóis ligados a “geração de 1898” se referiam à derrota da Espanha na guerra de independência cubana como “desastre”.

²⁶ Juan García Pérez no artigo “Entre el ‘imperialismo pacífico’ y la Idea de ‘fraternidad hispanoamericana’: algunas reflexiones sobre la imagen de América Latina en la España de fines del siglo XIX”, afirma que a vitória norte-americana sobre a Espanha fez desaparecer os últimos obstáculos que existiam para a aproximação da antiga metrópole com as ex-colônias. Juan García PÉREZ. “Entre el ‘imperialismo pacífico’ y la Idea de ‘fraternidad hispanoamericana’: algunas reflexiones sobre la imagen de América Latina en la España de fines del siglo XIX”. IN: Leopoldo ZEA y Mario MAGALLÓN (compiladores). *Op. Cit.* p. 104.

²⁷ Marco Antonio Pamplona ao discorrer sobre o conceito de raça, afirma que o racismo predominou no pensamento europeu ao longo do século XVIII, no momento em que as novas expansões imperiais e os primeiros Estados Modernos se desenvolviam. De acordo com o autor, o racismo sempre ressaltou as diferenças físicas, de maneira que a raça tornou-se atributo exclusivo dos povos não brancos servindo para distinguir de várias formas os não europeus e mesmo os próprios europeus. Ao definirem uma classificação para os “outros” acabaram “estabelecendo um lugar privilegiado para si próprios”. Ver: Marco Antonio PAMPLONA. “Direitos suados e lembrados”. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. “Estados Unidos somos tão diferentes?” Ano 6, nº66, março de 2011, p. 26.

²⁸ Mónica QUIJADA. “Latinos y anglosajones. El 98 en el fin de siglo sudamericano”. In: *Hispania*, 1997, vol. LVII/2, nº196, 1997. p. 596.

²⁹ *Ibid. Loc. cit.*

Para Maria Helena Capelato o *desastre*, foi interpretado como produtor de uma mudança nos olhares recíprocos, a qual levaria, posteriormente, à construção do conceito de *Hispanidad*, carregado de forte significado ideológico.³⁰ Esta mudança nos olhares e a aproximação entre os intelectuais, entretanto, também tinha seu lado questionável. Interesses políticos e ideológicos resultaram na produção de um discurso de exaltação nacionalista que, em 1918, pela primeira vez, apresentou a *Hispanidad* como comunidade espiritual imaginada entre a Espanha e a América. Tal ideia acabou servindo de justificativa para projetos antidemocráticos, orientando a formação de grupos nacionalistas de extrema direita dos dois lados do Atlântico.³¹

A guerra de 1898 e o surgimento da *hispanidad* produziram questões distintas. Ao tratar da guerra hispano-americana, Quijada considerou que esta contribuiu para polarizar ainda mais as discussões em torno das raças, levando muitos intelectuais a refutarem ou defenderem a “raça latina” ou a “anglo-saxônica”. Se na Europa e nos Estados Unidos o resultado da guerra levaria a uma percepção, por parte de muitos intelectuais, da “superioridade” anglo-saxônica. Já na América do Sul, ele levaria a uma inversão dessa polêmica. Ou seja, levaria a uma afirmação de pertencimento e solidariedade entre os da chamada “raça latina”, aqui ampliada e identificada à cultura latina. É válido ressaltar que Martí, diferentemente de muitos intelectuais do período, combateu as discussões puramente raciais, e negou veementemente a existência das raças como eram percebidas no período.

Capelato, em sua análise acerca do impacto do 98 na América Hispânica, enfatizou mais a importância dessa guerra para o surgimento da *hispanidad*. A utilização deste conceito pelas elites teria servido, na América, para reforçar o conservadorismo, o autoritarismo e a hierarquia existentes. Isso pode ser percebido nos trabalhos dos intelectuais ligados à *hispanidad*, Rodó, por exemplo, com o seu *Ariel*, defendeu a “raça latina” e condenou o rompimento com a tradição ibérica.

³⁰ Maria Helena CAPELATO. *Op. cit.* p. 36.

³¹ *Ibid.* p. 45.

Aos poucos o termo *hispanidad* foi conquistando um importante lugar nas discussões do início do século XX.³² A “*Hispanidad*” logo se tornaria o termo para designar uma comunidade espiritual entre hispano-americanos e espanhóis. Para Miguel Rojas Mix, a *hispanidad* se constituiu como uma tradição paradoxal oriunda da frustração e da crise de identidade que se seguiu ao *desastre*. Esta crise acabou por incumbir a geração de 98 da reconstrução do *homo hispanicus*.³³ Unamuno definiu como traços representativos do povo espanhol a moderação, a acuidade, o sentido de honra, a lealdade e o estoicismo. Outros intelectuais empenhados nessa missão de reconstruir a identidade hispânica, acrescentaram a eles o anti-materialismo e o individualismo, como traços distintivos. No conjunto, tais características serviriam para corroborar a “comunidade de raça” entre espanhóis e hispano-americanos.

A obra *Me duele España* de Unamuno, segundo Rojas Mix “reflejaba el deseo de terminar con la constante decadencia en que se había vivido” e também “afrentar el desafío de la modernidad”.³⁴ Diante disso, se a *hispanidad* era tomada como “a essência do hispânico” sua conservação representaria, conforme foi posteriormente destacado por Ramiro de Maeztu (1875-1936), a reestruturação do Império Espanhol, abarcando, por conseguinte, a Espanha e sua descendência.³⁵

Os intelectuais de 98 perceberam a *hispanidad* como a única possibilidade de manter uma identidade nacional frente aos perigos do pan-americanismo e da influência francesa na América Latina. A guerra de independência cubana, longe de apartar os hispano-americanos da Espanha, promoveu a aproximação entre eles. A intervenção norte-americana, nessa perspectiva, foi percebida como agressão não só à Espanha, mas a todas as nações que compartilhavam dessa mesma língua e tradição. Foi neste cenário que os intelectuais latino-americanos consideraram as agressões à Espanha pelos Estados Unidos como sendo direcionada a toda América Hispânica, nas palavras de Zea “cuya sangre y cultura enraizaba en la nación agredida”.³⁶ A partir de então, os Estados Unidos foram apresentados como o verdadeiro perigo para a América, e tentou-se substituir a

³² Miguel Rojas MIX. “La Generación del 98 y la idea de América”. In: Leopoldo ZEA y Mario MAGALLÓN (compiladores). *Op. cit.* p. 40.

³³ *Ibid.* p. 42.

³⁴ *Ibid. Loc Cit.*

³⁵ *Ibid. Loc. Cit.*

³⁶ Leopoldo ZEA. “1898, Latinoamérica y la reconciliación iberoamericana”. In: Leopoldo ZEA e Mario MAGALLÓN (compiladores). *Op. Cit.* p. 8.

presença política da Espanha – já inviável nesse período – pela sua presença espiritual.

Miguel de Unamuno em artigo publicado em 1917, intitulado “La Hermandad Hispánica” censurara a prática recorrente em perceber os países hispano-americanos como afiliados à Espanha. O filósofo espanhol assinalou a necessidade de tratar os países da América Espanhola como nações “hermanas” uma vez que, para ele, o patrimônio espiritual não era legado e sim algo que todas as nações ligadas à Espanha desfrutariam de igual maneira.³⁷

Maetzú foi um dos principais divulgadores da ideia de *hispanidad*. Em 1927 mudou-se para a Argentina, onde atuou como embaixador. Participou da fundação do jornal *Nueva República*, ligado à extrema direita.³⁸ Em 1934, publicou *En defensa de la Hispanidad* obra que trazia uma reflexão sobre a história espanhola e destacava a importância desta nação no mundo. Os partidários na América da *hispanidad* acabaram por privilegiar o termo hispano-americano em detrimento de latino-americano, pois, para eles, o último era demasiado revolucionário e remetia também à influência francesa. Portanto, para os defensores da *hispanidad* o vocábulo “hispano-americano” expressaria melhor a identidade dos povos desta parte do continente.

Assim sendo, o ideário hispanista partiu em defesa de uma identidade comum entre a Espanha e suas ex-colônias na América, de forma que os traços existentes entre elas configurariam uma “civilização hispânica” diferente de outras “civilizações”, como por exemplo, da anglo-saxônica.³⁹ Logo, a *hispanidad* acabaria atuando como um elemento identificador e integrador entre Espanha e América Hispânica. Como foi visto no primeiro capítulo, a tensão entre latino *versus* anglo-saxão, ocupou o cenário europeu e americano desde meados do século XIX. Porém, no início do XX, tal tensão acabou por substituir o latino pelo hispânico, de modo que este passou a fazer oposição ao anglo-saxônico, que tinha como representante os Estados Unidos. Situadas essas discussões mais gerais o

³⁷ Miguel de UNAMUNO. “La Hermandad Hispánica”. IN: Miguel de UNAMUNO. *Miguel de Unamuno: Americanidad*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2001. p. 20.

³⁸ Em 1930, os editores deste jornal chegaram ao poder com o golpe militar de José Félix Uriburu que governou a Argentina de 1930 a 1932. Miguel Rojas MIX. *Op. Cit.* p. 45.

³⁹ José Luis Bendicho BEIRED. “Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas”. In: *Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campinas, 2006, p. 1.

próximo passo será analisar como tais categorias aparecem nos escritos de Martí e Rodó.

3.1. O “ser e o parecer”, a presença dos Estados Unidos nos escritos de Martí e Rodó

Martí, como vimos, desde a convocação para o congresso pan-americano alertou para a necessidade de que fossem atentamente observadas as propostas estadunidenses. Chamou a atenção para que analisassem a história dos Estados Unidos desde os primórdios, no intuito de conhecer a “raiz” deste povo.

Contudo, se nos artigos publicados na década de 1880⁴⁰ Martí preocupou-se em, além dessas críticas, destacar aspectos positivos da cultura norte-americana, o tom de denúncia deste escritor se acentuaria a partir de 1889 como podemos notar em "Congresso Nacional", publicado no jornal argentino *La Nación* em dezembro de 1889. Nele, o escritor cubano emprega uma linguagem mais hostil ao se referir ao "colosso do norte". Os norte-americanos foram caracterizados como um “povo essencialmente ladrão” e orientado apenas pela certeza de possuir o continente, e que, por isso, naquele momento, os Estados Unidos moviam seus esforços efetivamente para dominar o continente. Frente a este cenário era fundamental:

ponerle cuantos frenos se puedan fraguar, con el pudor de las ideas, el aumento rápido y hábil de los intereses opuestos, el ajuste franco y pronto de cuantos tengan la misma razón de temer, y la declaración de la verdad. La simpatía por los pueblos libres dura hasta que hacen traición a la libertad; o ponen en riesgo la de nuestra patria.⁴¹

Contudo, de acordo com Martí, apesar das conclusões que se chegou ao analisar a história dos Estados Unidos e suas relações com os outros países do continente americano, não se deveria ter a respeito deste país apenas uma opinião

⁴⁰ Estes artigos posteriormente foram reunidos na obra que ficou conhecida como *Escenas Norte-americanas*. Em sua tese de doutorado, Fabio Muruci dos Santos explora bem a análise de Martí a respeito dos Estados Unidos a partir desta obra. Ver: Fábio Muruci dos SANTOS. “Os homens já se entendem em Babel: mito e história da América em Oliveira Lima, José Enrique Rodó e José Martí”. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2004. Tese de doutoramento.

⁴¹ José, MARTÍ. “Congreso Internacional de Washington: su historia, sus elementos y sus tendencias”. In: José MARTÍ. *Textos de Combate*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1980. p. 86.

agressiva e temível. Assim, o congresso pan-americano deveria ser interpretado como o resultado da ação conjunta de fatores domésticos afins e pessoais. Em sua opinião o discurso inaugural de Blaine não passara de um discurso “imperial”, muito embora tivesse sido encoberto, a princípio, pelo “decoro” que “conviene enseñarse al extranjero”.⁴²

Por conseguinte, tornava-se fundamental a análise da relação dos Estados Unidos com as nações latino-americanas, para que fossem esclarecidas as verdadeiras intenções dos norte-americanos. Para Martí, antes que fosse tomada qualquer posição relativa às propostas do pan-americanismo era preciso avaliar como surgiu o congresso, quem o dominava e quais seriam as suas “relaciones ocasionales de actualidad con las condiciones del país, y qué puede[n] venir a ser en virtud de ellas, y de los que influyen en el congreso y lo administran”.⁴³

O escritor cubano destacou várias notícias que circulavam em conhecidos jornais norte-americanos da época – *Evening Post*, *Herald*, *Sun*, *Mail and Express*, e *Tribune* – que anunciavam as pretensões de domínio dos Estados Unidos na América Latina. Esses jornais declaravam abertamente a política imperialista de seu país. Uma nota publicada no jornal *Sun* de Nova York no dia 18 de dezembro de 1889, afirmava, em tom ameaçador, a política implementada pelos Estados Unidos: “El que no quiera que lo aplaste el Juggernaut, súbase en su carro”.⁴⁴ Frente a isso, Martí indicava que a melhor alternativa seria impedir a passagem do “carro”. Outra declaração, deste mesmo jornal, que explicitava as intenções estadunidenses afiançava que:

Compramos a Alaska ¡sébase de una vez!, para notificar al mundo que es nuestra determinación formar una unión de todo el norte del continente con la bandera de las estrellas flotando desde los hielos hasta el istmo, y de océano a océano.⁴⁵

Por meio de uma variada gama de exemplos, Martí anunciava como os interesses particulares e políticos, aliados ao ímpeto de domínio continental e em um contexto de enfraquecimento dos Estados Unidos, contribuía para o

⁴² *Ibid.* p. 87.

⁴³ *Ibid.* p. 88.

⁴⁴ *Ibid.* p. 95.

⁴⁵ José MARTÍ. “La Conferencia Monetaria de Las Republicas de America”. In: José MARTÍ. *Op. cit.* pp. 105.

(re)surgimento da proposta do congresso pan-americano.⁴⁶ Dessa forma, Martí buscava demonstrar que o que teria se iniciado como um interesse político, tornou-se, juntamente com a necessidade econômica dos industriais, “el planteamiento desembozado de la era del predominio de los Estados Unidos sobre los pueblos de la América”.⁴⁷

Martí argumentava que apenas a proposta de uma união alfandegária, que permitiria a entrada livre dos produtos de cada país em todos os que compusessem a união, não seria intimidador.⁴⁸ No entanto, analisando atentamente a situação, ficava evidente que tal proposta se tratava do escoamento da produção norte-americana, uma vez que o mercado interno já não era capaz de absorver seus excedentes.

Tal estratégia de comércio com os países latino-americanos, na concepção de Martí, não seria vantajoso, pois, o que os Estados Unidos importavam, não era muito mais que “cinco produtos valiosos”, e ainda assim, taxados na entrada. Além disso, o autor afirmou que a proposta de união alfandegária seria “inmoral e ingr[at]a”:

caso de ser posible por las obligaciones previas, despojar del derecho de vender en los países de América sus productos baratos a los pueblos que sin pedirles sumisión política les adelantan caudales y les conceden créditos, para poner en condición de vender sus productos caros e inferiores a un pueblo que no abre créditos ni adelanta caudales, sino donde hay minas abiertas y provechos visibles, y exige además la sumisión.⁴⁹

Era importante esclarecer tal fato, porque, segundo Martí, não obstante a convocatória ter vindo envolta em um discurso brando, as relações dos Estados Unidos com os povos latino-americanos não poderiam ser interpretadas separadas das relações conflituosas, tentativas violentas e atentados confessos dos Estados Unidos, até mesmo no momento em que ocorria a reunião.

Frente a isso, para o escritor cubano apenas “uma resposta unânime e viril” poderia libertar a *nuestra* América dos problemas, que surgiriam, caso o estreitamento das relações entre as repúblicas hispânicas e os Estados Unidos se

⁴⁶ No início da década de 1880, conforme foi mencionado, a proposta do pan-americanismo fora rechaçada pelo congresso norte-americano.

⁴⁷ José MARTÍ. *Op. cit.* pp. 94-95

⁴⁸ *Ibid.* p. 100.

⁴⁹ *Ibid.* p. 100-101.

concretizasse. Martí ressaltava que, se fosse observado com atenção seria percebido que o grande país jamais ajudara as repúblicas latino-americanas. Para corroborar tais afirmativas, o autor indicava os episódios mais recentes da relação entre os Estados Unidos e a América Latina, na segunda metade do século XIX, os quais, em sua opinião, só teriam sido prejudiciais: o incentivo à separação do Panamá da Colômbia; a apropriação de boa parte do território mexicano, além das consecutivas intervenções na Nicarágua, São Domingos, Haiti e Cuba.

Martí reiterava a necessidade de refletir sobre o convite norte-americano, que embora sugerisse ser uma convocatória branda, as implicações que as relações propostas trariam para o presente e o futuro latino-americano poderiam ser decisivas. Com efeito, defendia a importância de analisar a qual das duas Américas conviria estabelecer uma amizade sobre bases livres ou, se fossem concretizadas as propostas pan-americanas em curso, questionava se seria interessante para a *nuestra América* continuar “como coro sujeto a un pueblo de intereses distintos, composición híbrida y problemas pavorosos”.⁵⁰

Nessa direção, o autor apontava para os perigos que poderiam sobrevir a partir de uma aliança, a seu ver, desnecessária, com um povo agressivo de distinta constituição e objetivos. Tal acordo, segundo Martí, pressupunha o rompimento das relações comerciais mais sólidas com a Europa. Diante disso alertava para que não se devesse perceber os perigos apenas quando já estão “por cima” das cabeças, mas quando ainda haveria tempo de evitá-los. Em se tratando de política, o fundamental era “esclarecer e prever”.⁵¹

Martí, para demonstrar que a união com o “gigante do norte” implicaria em desvantagem, questionava: quais seriam as razões pelas quais a América Latina deveria entrar ao lado dos Estados Unidos em uma guerra contra o resto do mundo? E interrogou, além disso, quais os propósitos para acertarem com todos os povos americanos projetos de reciprocidade no congresso, se um projeto proposto pelo México, com vantagens mútuas, havia anos, aguardava ainda a sanção do congresso. Portanto, havia muito a se refletir a esse respeito.

Por outro lado, denunciava que, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos buscavam acertar, por ocasião do congresso pan-americano a entrada de seus produtos na América, o seu governo, fazia oposição aos produtos latino-

⁵⁰ *Ibid.* p. 94.

⁵¹ *Ibid.* p. 83.

americanos. Sendo assim, o que ficava evidenciado, era a unilateralidade das propostas pan-americanas e os sérios prejuízos que as repúblicas latino-americanas sofreriam.

Fortemente vinculada à política pan-americana estava à proposta de uma união monetária entre os países americanos. Em maio de 1888 os Estados Unidos enviaram à América Latina o convite para a Conferência Monetária Internacional em Washington, que pretendia examinar, entre outras coisas, a adoção de uma moeda de uso obrigatório nas transações comerciais recíprocas de todos os Estados da América.

Atento a isso, Martí indicava, em observação cuidadosa, que a política era, para ele, “el arte de combinar, para el bienestar creciente interior, los factores diversos u opuestos de un país”, e concomitantemente de “salvar al país de la enemistad abierta o la amistad codiciosa de los demás pueblos”.⁵² Nela, o real era o que não se via, o encoberto pela aparência.

Preocupado com o entusiasmo de alguns intelectuais e políticos latino-americanos alertava-os para a importância de analisar o que estava por trás do convite e das propostas norte-americanas, lembrando que nenhum povo seria capaz de fazer nada contra seu próprio interesse. E não havendo interesses em comum, a união entre os Estados Unidos e as repúblicas latino-americanas, só poderia incorrer em grave erro.

Com efeito, para justificar tal assertiva, acrescentava que os povos menores que ainda não tinham se organizado, não poderiam se unir a “povos maiores” que procuravam escoar a produção em excesso de uma “população compacta e agressiva”, sem qualquer prejuízo. De acordo com Martí “los actos políticos de las repúblicas reales” se constituíam no “resultado compuesto de los elementos del carácter nacional, de las necesidades económicas, de las necesidades de los partidos, de las necesidades de los políticos directores”.⁵³

Martí explicava que ao falar em união econômica, a união política estaria implícita. Sendo assim, ficaria estabelecida uma relação de dependência, de forma que o povo que comprasse, mandaria e povo que vendesse, acabaria servindo. Portanto, era preciso alcançar um equilíbrio do comércio que fosse capaz de

⁵² *Ibid.* p. 141.

⁵³ *Ibid.* p. 142.

assegurar a liberdade. Para o autor “el influjo excesivo de un país en el comercio de otro se convierte en influjo político”.⁵⁴

Sendo assim, a partir desses artigos escritos e publicados em jornais na América Hispânica e nos Estados Unidos, sobretudo após os anos de 1889, Martí denunciou as intenções norte-americanas. Procurou esclarecer os acontecimentos que observava e demonstrar as implicações que uma política ingênua, irrefletida e submissa poderia acarretar para o futuro da América Latina. O imperialismo dos Estados Unidos era bastante evidente para o escritor cubano e suas incursões no continente, caso os países latino-americanos não reagissem a tempo, levariam, fatalmente, ao domínio da América Latina por outra potência “colonizadora”.

Em se tratando de Rodó, a crítica ao utilitarismo e ao materialismo dos Estados Unidos foi tema também corrente, na virada do século XIX para o XX, entre os intelectuais latino-americanos que denunciavam a influência crescente deste país nas questões do continente.⁵⁵ Rodó participou desse cenário intelectual com suas críticas contundentes aos Estados Unidos. No entanto, diferentemente de Martí, apesar de em uma passagem fazer também referência à violência que o “colosso do norte” vinha praticando no continente, sua preocupação maior foi com a influência moral que este país poderia exercer na América Latina.

O autor uruguaio após enfatizar a importância da juventude em garantir a preservação da tradição e da identidade latino-americana, como vimos no capítulo anterior, fizera duras críticas aos Estados Unidos. Rodó censurara o menosprezo por parte deste país à tradição e atacara o que considerava como presunção estadunidense: a desconsideração da “antiquíssima obra civilizatória” da Europa. Também, condenara a ambição dos Estados Unidos em criar um mundo novo, sem vínculos com o passado, de maneira a estabelecer uma ordem mesocrática⁵⁶ em que não haveria espaço para o que chamou de “sabedoria superior”.⁵⁷

⁵⁴ *Ibid.* p. 145.

⁵⁵ Antonio MITRE. *O Dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 117.

⁵⁶ A ascensão da classe média à arena pública, para os teóricos críticos da sociedade de massas, se constituía em um dos fenômenos mais trágicos que o mundo moderno presenciara. De acordo com estes pensadores a chegada do “homem médio” ao poder traria implicações desastrosas como, por exemplo, a diminuição da cultura e a mediocridade. Para uma maior análise ver: José ORTEGA Y GASSET. *A Rebelião das Massas*. Tradução de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

⁵⁷ José Enrique RODÓ. *Ariel*. Tradução: Denise Bottmann. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. p. 85.

Na opinião de Rodó, os Estados Unidos tinham como única aspiração o triunfo material, em função de não possuírem tradições profundas que os direcionassem e nem um povo capaz de substituir a idealidade do porvir. Para ele, os norte-americanos subordinavam a sua atividade ao egoísmo do bem-estar pessoal e coletivo.⁵⁸ Ressaltava ainda, que nessa sociedade só havia a preocupação imediata com os interesses positivos.

As considerações do escritor uruguaio a respeito dos Estados Unidos estiveram muito calcadas nas impressões de viajantes europeus, como o francês Aléxis de Tocqueville.⁵⁹ Este último escritor, em seu estudo sobre a democracia na América defendia que o gosto pelo bem-estar material era geral entre os norte-americanos. Não obstante, afirmava que nem todos o experimentavam da mesma maneira. De acordo com Tocqueville, a preocupação norte-americana se restringia em satisfazer as menores necessidades do corpo e em afluir às pequenas comodidades da vida, o que acabava fazendo com que isso dominasse “universalmente os espíritos”.⁶⁰

Nessa perspectiva, Rodó sublinhou que a “concepção utilitária” e a “igualdade na mediocridade”, estariam intimamente relacionadas e, em sua opinião, compunham o que se convencionou chamar, na Europa, “de espírito do *americanismo*”.⁶¹ Diante disso, esse autor assinalou que a “grandeza titânica” dos Estados Unidos se impunha, mesmo aos mais cautelosos, pelas enormes desproporções de seu caráter ou “pelas violências recentes de sua história”.

De acordo com Rodó apesar dos problemas que identificava no “gigante do norte”, ainda assim, as suas virtudes deveriam ser reconhecidas. Entre elas, destacava o conceito moderno de liberdade proveniente dos Estados Unidos. Em sua opinião, os norte-americanos teriam convertido suas incertezas e sonhos em

⁵⁸ *Ibid.* p. 81.

⁵⁹ Fabio Muruci dos SANTOS. *Op. cit.* p. 78.

⁶⁰ Em seus estudos a respeito da democracia nos Estados Unidos, Tocqueville, explicou, por meio da comparação entre os homens das sociedades aristocráticas e das sociedades democráticas, o gosto dos norte-americanos pelo bem-estar material. De acordo com o filósofo francês os primeiros, comparados aos segundos, não se preocupariam tanto em mudar de condição, uma vez que não conheciam outra maneira de viver. Diferentemente, os homens das sociedades democráticas, por terem conseguido sua condição de forma laboriosa se agarravam às conquistas, temerosos de perdê-las. Nessa direção, explicava que o bem-estar material não seria um objetivo de vida do aristocrata, pois este, satisfeito e sem dificuldade, voltava a sua alma para outro sentido que se prendia a alguma iniciativa mais complexa e maior que a entusiasmava e a envolvia. Aléxis de TOCQUEVILLE. *A Democracia na América. Sentimentos e Opiniões*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 155-156.

⁶¹ José Enrique RODÓ. *Op. Cit.* p. 69.

realidade, e teriam desvendado a fórmula de como “a felicidade e a paz dos pequenos” Estados poderiam harmonizar “com o brilho e o poder dos grandes”.⁶² Além disso, para Rodó, os Estados Unidos teriam dado um outro significado ao trabalho, mostrando a sua “glória”, a sua “grandeza” e o seu “poder”.⁶³ Outra característica importante dos norte-americanos apontada pelo escritor uruguaio seria a sua tendência à curiosidade, uma inquieta “avidez de toda luz”. Portanto, por essas razões afirmou: “ainda que não os ame, admiro-os”.⁶⁴

Ao condenar o utilitarismo e o materialismo norte-americano, Rodó se aproximou, em determinados momentos, das considerações dos filósofos europeus associados à tradição filosófica crítica da sociedade de massas.⁶⁵ Alguns aspectos do ensaio *Ariel* revelam a identificação do escritor uruguaio com essa tradição, denominada por Willian Kornhauser como “vertente aristocrática”.⁶⁶ Rodó considerava que no âmbito da democracia norte-americana o espírito de trivialidade não encontraria obstáculos insuperáveis para a sua ascensão, como ocorria em outras sociedades e, assim, o espírito vulgar acabava se disseminando.

Este autor se preocupou com questões como a vulgarização da cultura, o avanço do pensamento utilitarista, a deformação democrática, bem como a

⁶² *Ibid.* 74-75.

⁶³ *Ibid.* p. 75.

⁶⁴ *Ibid.* p. 76

⁶⁵ Wrihth Mills afirma que, embora o termo “sociedades de massas” esteja mais amplamente relacionado ao século XX, principalmente após a Primeira Guerra Mundial, ele já vinha sendo empregado (quer com o nome de “massa” ou outro semelhante) desde a Revolução Francesa por filósofos que percebiam com alarme a reivindicação das camadas populares pelo aumento de seus direitos políticos. Cassio Ortegati define a sociedade de massa como uma sociedade em que a grande maioria da população se encontra envolvida na produção em larga escala, na distribuição e no consumo de bens e serviços, tomando igualmente parte na vida política, por meio de padrões generalizados de participação, e na vida cultural, mediante o uso dos meios de comunicação de massa. Ortegati e Mills assinalam que apesar da sociedade de massa ser um fenômeno recente, do século XX, ela é resultado de um longo processo de modernização, que implica um progressivo ingresso social, político e cultural das grandes massas da população. Com efeito, as interpretações e críticas que se fizeram da sociedade de massa, e, particularmente, das suas consequências políticas, em parte, são eco, de velhas posições mantidas em face do ingresso das massas na arena social e política, e, em parte, refletem posições novas. Frente ao surgimento das massas na sociedade europeia, podem ser observadas três atitudes diferentes: uma posição totalmente favorável por parte dos democratas e socialistas; uma crítica denominada aristocrática, como a de Maistre, Le Bon, Burckardt, Nietzsche e Ortega y Gasset, em que todos repelem terminantemente o declínio de valores tradicionais e elitizantes sob o embate nivelador das massas; e uma crítica moderada por parte de alguns liberal-democratas, que seria o caso de Tocqueville e Stuart Mill, preocupados em proteger a liberdade individual diante da possibilidade da “tirania da maioria” e da pressão do conformismo social. C. Wrihth MILLS. “A sociedade de massas” In: Marialice Menzarini FORACCHI. José de Souza MARTINS (orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. pp. 307-325; Cassio ORTEGATI. “Sociedade de Massa”. IN: Norberto BOBBIO, Nicola MATTEUCCI e Gianfranco PASQUINO. (orgs.). *Dicionário Político*. Brasília: UnB, 1986. p. 1.211.

⁶⁶ Willian KORNHAUSER. *Apud.* Antonio MITRE. *Op. Cit.* p. 108.

desumanização da arte. E não deu ênfase, como outros intelectuais latino-americanos – Martí, Zumeta, Ugarte, entre outros – ao imperialismo estadunidense. Sendo assim, as questões destacadas por Rodó parecem fazer referência à situação da região do Prata.⁶⁷ Quando Rodó critica o utilitarismo norte-americano, ou quando alude ao papel das metrópoles na civilização moderna, tem como referência a entrada de uma grande quantidade de imigrantes no Uruguai e a fraca composição das elites locais, as quais eram, para ele, incapazes de orientar o enorme contingente humano que estava chegando. Segundo o autor:

O acelerado crescimento de nossas democracias, com o incessante acréscimo de uma enorme multidão cosmopolita e o afluxo imigratório, que se incorpora a um núcleo ainda frágil para efetuar um ativo trabalho de assimilação e canalizar a torrente humana com os meios oferecidos pela secular solidez da estrutura social, pela ordem política segura e os elementos de uma cultura que tenha arraigado intimamente, expõe-nos no futuro aos perigos da degeneração democrática.⁶⁸

Juntamente com a crítica ao utilitarismo e ao materialismo que, na opinião de Rodó, poderiam destruir, o “ideal desinteressado da vida”, esse autor alertava para os perigos que sobreviriam com a degeneração democrática. Esta questão da democracia era significativa no ensaio *Ariel*. A despeito de Rodó se inspirar nos estudos de Rénan, que percebia a democracia como um regime ameaçador, especialmente para as elites, pois, em sua opinião, era destituído de obstáculos capazes de assegurar um espaço apropriado à preservação da alta cultura,⁶⁹ o escritor uruguaio procurou mostrar que existia uma compatibilidade entre os valores da tradição latino-americana e o sistema democrático. Partindo dessa premissa, Rodó estruturou sua proposição sobre dois argumentos fundamentais: o primeiro sustentava que o espírito igualitário da democracia seria um princípio teleológico não só compatível como também geneticamente ligado ao legado cristão; o segundo afirmava que a democracia seria um fenômeno “consustancial” à existência republicana dos países da região.⁷⁰

⁶⁷ *Ibid.* p. 109.

⁶⁸ José Enrique RODÓ. *Op. cit.* pp. 54-55.

⁶⁹ Conforme assinalamos no Capítulo II, página 28, nota 85.

⁷⁰ Antonio F. MITRE. *Op. cit.* p. 113.

Com efeito, Rodó considerou, baseado nos estudos de Tocqueville, o inexorável avanço da democracia, segundo ele, impresso na própria evolução da civilização ocidental.⁷¹ Diante disso, a defesa do regime democrático seria uma questão de sobrevivência para os países hispano-americanos, uma vez que havia sido devido ao impulso dos princípios igualitários ligados pela tradição iluminista que eles haviam conseguido a sua independência. De acordo com Rodó “o espírito da democracia para nossa civilização” era, fundamentalmente, “um princípio de vida contra o qual seria inútil se rebelar”.⁷²

O escritor uruguaio, entretanto, igualmente admitia os perigos aos quais a “degeneração democrática” poderia conduzir, fazendo com que a “força do número” destruísse a noção de qualidade. Tal fato, para Rodó, apagaria da “consciência das sociedades” o sentimento da ordem e, logo, seu ordenamento hierárquico seria entregue ao acaso, levando, fatalmente, ao triunfo das mais “injustificadas supremacias”.⁷³

O temor em relação ao regime democrático de filósofos como Rénan, guardava relação com a suspeita de que tal regime direcionaria a humanidade à mediocridade, o que, inevitavelmente, culminaria no utilitarismo. De acordo com o filósofo francês: “*Caliban règne à Milan. Va, écrase cet infâme, rassemble tous nos esprits.*”⁷⁴ Dessa forma, a concepção de vida numa sociedade cujo espírito democrático predominasse, para Rénan, resultaria em uma busca exclusiva pelo bem-estar material, destruindo a possibilidade de uma vida voltada para os interesses ideais. Esse autor afirmava, fazendo alusão ao drama shakespeariano, que sendo a democracia a ascensão de Caliban, Ariel seria o derrotado nessa conquista.

Nesse aspecto Rodó discordava de Rénan, pois considerava que a partir do momento em que houvesse oportunidades iguais na educação, uma aristocracia natural – composta pelos “melhores” – surgiria e poderia, mediante um ideal desinteressado, conduzir a sociedade. Para Rodó as civilizações que já tinham atingido uma cultura completa e refinada, estariam ameaçadas por essa limitação

⁷¹ *Ibid.* p. 114.

⁷² José Enrique RODÓ. *Op. cit.* p. 61.

⁷³ *Ibid.* p. 54.

⁷⁴ “Caliban reina em Milão. Esmagai a infâmia, reúna todos nossos espíritos”. Tradução nossa. Ernest RÉNAN. *Caliban: suite de la tempête*. Paris: Éditeur Calmann Lévy, 2ªed., 1878. p. 61.

do espírito. O autor, enfim, percebia uma correspondência direta entre a evolução, o avanço da cultura geral e a limitação das aptidões individuais.⁷⁵

De toda forma, a democracia, para Rodó, seria uma das bases que sustentariam a civilização existente, portanto, seria inútil se voltar contra isso. A saída, para impedir os problemas que tal regime poderia conduzir estaria na reforma da democracia e no aperfeiçoamento da educação.

No que se refere à situação que envolvia as “civilizações avançadas”, o escritor de *Ariel* retomou as considerações do filósofo francês Auguste Comte. Para Comte, um alto estágio de desenvolvimento social, ocasionaria um arriscado inconveniente, isto é, o surgimento de “espíritos deformados, muito capazes sob um único aspecto e monstruosamente ineptos sob todos os demais”.⁷⁶ Comte comparou o que denominava de “amesquinamento de um cérebro” – devido à constante relação com um único estilo de ideia –, com a situação do operário das fábricas após a divisão do trabalho, na qual o operário foi destinado apenas a uma determinada função. Para ele, isso resultava em uma “catastrófica impassibilidade pela aparência geral dos interesses da humanidade”.⁷⁷

Rodó considerava que o caráter da civilização de um povo não seria determinado pela sua prosperidade e riqueza material, mas sim pelas formas superiores de pensar e sentir. Para ele, Comte, tendo em vista mostrar:

como seria insensato pretender, em questões de intelectualidade, moralidade e sentimento, que a qualidade possa ser em algum caso substituída pelo número, observava que jamais se obterá da acumulação de muitos espíritos vulgares o equivalente de um cérebro de gênio, e tampouco da acumulação de muitas virtudes medíocres o equivalente de um rasgo de abnegação ou heroísmo.⁷⁸

Na opinião de Rodó a sociedade ideal deveria ser constituída dos princípios gregos de beleza e do princípio cristão de caridade. Para tanto, se basearia no sistema democrático que capacitaria a todos, onde “os melhores” seriam os dirigentes, o que inevitavelmente produziria uma cultura superior. Todavia, uma cultura que voltasse suas preocupações apenas para o bem material, estaria destinada à mediocridade. Do ponto de vista do autor, a democracia era um

⁷⁵ José Enrique RODÓ. *Op. cit.* p. 29.

⁷⁶ *Ibid.* pp. 28-29.

⁷⁷ *Ibid.* p. 29.

⁷⁸ *Ibid.* p. 55.

regime compatível com os interesses ideais e não deveria ser desconsiderada por ainda ser recente. Era necessário o seu aperfeiçoamento, para assim, não confluir em um utilitarismo medíocre.

Rodó propunha, pois, soluções aos problemas que a democracia poderia conduzir, como por exemplo, o “desenvolvimento progressivo das tendências individuais e a diminuição da cultura”.⁷⁹ Para o autor a seleção espiritual, os estímulos desinteressados, o gosto, a arte e o respeito pela “supremacia”, poderiam se transformar em fraquezas caso, a igualdade social que desmantelara as hierarquias existentes não fosse capaz de colocar no lugar destas, outras hierarquias que tivessem “numa classificação racional seu princípio e na influência moral seu único modo de domínio”.⁸⁰

O escritor uruguaio enfatizava que a democracia deveria vir acompanhada de uma preocupação ideal que compartilhasse seu domínio com a preocupação pelos interesses materiais. Ressaltava ainda a necessidade da hierarquia, malgrado esta devesse ser racional no seu princípio e moral no seu modo de autoridade.

Para conter os males que uma dita “degeneração democrática” poderia conduzir, Rodó sugeria uma reforma na educação, visando oferecer, a todos, condições iguais de aperfeiçoamento. Neste caso, caberia ao Estado fornecer à sociedade condições equitativas para buscar seu aprimoramento. Nesse ponto o autor diferia de Rénan, pois via na educação a possibilidade de garantir a todos o direito de ascensão. Para Rodó, esse direito seria garantido “aos melhores”, que a partir disso, seriam selecionados pela natureza e não mais pela injustiça dos homens.

O escritor uruguaio considerava que a rivalidade era o melhor estímulo para intensificar o pensamento, porquanto prescindia da igualdade como ponto de partida, e ao mesmo tempo, necessitava da desigualdade como objetivo final – onde os mais capazes levariam vantagem. Sendo assim, Rodó explicava que somente:

um regime democrático pode conciliar em seu seio essas duas condições de emulação, desde que não degenere em igualitarismo nivelador e se limite a considerar como belo ideal de

⁷⁹ *Ibid.* p. 52.

⁸⁰ *Ibid.* p. 53.

perfectibilidade uma futura equivalência dos homens, com sua ascensão ao mesmo grau de cultura.⁸¹

Assim, Rodó conseguia defender o regime democrático e sublinhava que as imperfeições de sua forma *histórica* atual haviam levado à injustiça no tocante ao que existia de determinante e fecundo neste regime. O autor não desconsiderava o “elemento aristocrático” na democracia, no entanto, em sua opinião, esse deveria ser proveniente de uma distinção da qualidade verdadeiramente superior, diferentemente do que ocorria nas aristocracias tradicionais, as quais tinham o seu fundamento baseado na injustiça e não no mérito. Dessa maneira, Rodó concebia que a democracia era o sistema compatível com a América Latina, contudo, era imprescindível salvaguardá-la da degeneração provocada pela mediocridade e vulgaridade do nivelamento, como vinha ocorrendo nos Estados Unidos.

Portanto, a forma como Rodó percebia a presença norte-americana no continente, não estava tão relacionada ao medo do imperialismo dos Estados Unidos ou à sua intervenção direta nos países latino-americanos. Os temores deste autor guardavam mais relação com a descaracterização do que ele considerava ser uma identidade latino-americana, fortemente relacionada à tradição ibérica e com o receio de uma América crescentemente *deslatinizada*. Assim, o *Ariel*, obra em que Rodó desenvolveu estas ideias, foi aclamado na América Latina e também na Espanha, com muito entusiasmo. A partir dele, Rodó se tornaria uma espécie de “mentor intelectual da juventude”, pois conseguiu reunir, conforme assinalou Mónica Quijada, com grande qualidade literária, suas observações sobre a percepção que tinha a respeito da intelectualidade da época.⁸²

3.2. América Latina e Estados Unidos nos discursos de Martí e Rodó

Na virada do século XIX para o XX os Estados Unidos consolidaram suas fronteiras e retomaram a Doutrina Monroe. Assim, o território que em fins do século XVIII era uma estreita faixa atlântica, formada por treze ex-colônias, transformar-se-ia radicalmente durante o oitocentos, expandindo-se até o

⁸¹ *Ibid.* p. 64.

⁸² Mónica QUIJADA. *Op. cit.* p. 602.

Pacífico.⁸³ Após a Guerra de Secessão, com a industrialização acelerada de fins do século sua influência econômica se deslocaria também para a região caribenha, transformada num “grande lago americano”,⁸⁴ reservado a receber investimentos da “comunidade de negócios” e a atender as novas necessidades estratégicas e militares norte-americanas.

Nesse contexto, o Pacífico e a América Central ganharam enorme importância comercial para a crescente potência estadunidense. As três últimas décadas do século XIX foram caracterizadas pela necessidade de busca de novos mercados para o escoamento da produção industrial norte-americana. A retomada da ideia de um Congresso pan-americano e a proposta de união monetária decorreram dessa ampliação dos interesses.

Não à toa, as percepções a respeito dos Estados Unidos e sua atuação na América Latina, nessa época, foram variadas e despertaram distintas respostas. Se por um lado houve admiradores entusiasmados com o desenvolvimento norte-americano, por outro, houve os que perceberam com temor a sua presença cada vez mais clara no continente. A guerra de 1898, conforme afirma Thomas Skidmore, foi importante para consolidar o domínio norte-americano no Pacífico, no Caribe e na Ásia. Mas ao mesmo tempo, gerou “uma onda de choque” que “varreu” a América Latina. Em todo o continente, os intelectuais partiram em defesa de sua “civilização” em contraposição ao que consideravam ser uma “ameaça ianque”.⁸⁵

Entre eles, Martí e Rodó, que denunciando a presença norte-americana na “nuestra” América, identificaram diferentes implicações dessa presença. Uma análise comparada entre os dois autores pode nos revelar muito sobre a forma específica como cada um compreendia os problemas que os Estados Unidos e sua ingerência representariam para a América Latina daquele momento.

Martí vivera mais de dez anos nos Estados Unidos, e isto lhe permitiu observar de perto, o progresso econômico, científico e cultural do país. Reconhecia os aspectos positivos da sociedade norte-americana, e valorizava a construção da “república mais rica que o mundo conheceu” até então. Além

⁸³ Em 1803 a Luisiana foi comprada da França, e entre 1819 e 1853, os Estados Unidos fizeram importantes aquisições do território mexicano. Em 1867 o Alasca foi comprado da Rússia.

⁸⁴ Marco Antonio PAMPLONA. *Reverendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Editora Atual, 1995. p. 28.

⁸⁵ Thomas SKIDMORE. “Os Estados Unidos e a América Latina: Um Permanente Mal-Entendido?”. In: *Revista Estudos Históricos*, 1999 - 24. p. 453.

disso, admirava profundamente ilustres norte-americanos, como o escritor Marc Twain, o poeta Walt Whitman e o abolicionista Wendell Phillips,⁸⁶ chegando a divulgá-los entre os hispano-americanos. Contudo, suspeitava muito dos objetivos do governo dos Estados Unidos.

Na época em que Martí estava escrevendo, o imperialismo norte-americano não era ainda tão evidente para todos. Muitos políticos e intelectuais realmente interessados no desenvolvimento de seus países chegaram a apoiar a política pan-americana e mesmo a proposta de uma união monetária. Isso resultava de uma visão ingênua sobre os Estados Unidos. Tendo isso em conta, a percepção de Martí se torna ainda mais surpreendente, pois enquanto muitos aclamavam a iniciativa norte-americana, o escritor cubano chamava atenção para a ameaça que tais propostas representavam.

Martí, conforme vimos, denunciou a ingerência norte-americana, a soberba e o desdém com que olhavam a América Latina. Também advertiu sobre o perigo de perdas econômicas, políticas e territoriais que rondavam os países latino-americanos. Para ele:

Mientras no sepan más de Hispanoamérica los Estados Unidos y la respeten más – como con la explicación incesante, urgente, múltiple, sagaz, de nuestros elementos y recursos, podrían llegar a respetarla –, ¿pueden los Estados Unidos convidar a Hispanoamérica a una unión sincera y útil para Hispanoamérica?⁸⁷

Tais considerações podem ser encontradas, sobretudo, nos artigos publicados a partir de 1889. Seus temores, no início do século XX, logo, seriam confirmados. O escritor cubano salientou em vários momentos, os problemas que a política pan-americana e a proposta de união monetária trariam para a América Latina que possuía muitas diferenças em relação ao “colosso do norte”. Além disso, apontou os indícios, para ele, cada vez mais evidentes, de que a amizade apregoada pelos Estados Unidos era unilateral e, caso as propostas fossem concretizadas, a *nuestra* América sairia prejudicada.

⁸⁶ Claudia WASSERMAN. “Percursos intelectuais latino-americanos: ‘Nuestra América’ de José Martí, e ‘Ariel’ de José Enrique Rodó – as condições de produção e o processo de repercussão do pensamento identitário”. In: Maria Emília PRADO (org.). *Colóquio Tradição e Modernidade no mundo ibero-americano*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico Geográfico Brasileiro/CNPq, v.1, 2004. p. 138.

⁸⁷ José MARTÍ. “La Conferencia Monetaria de las Republicas de América”. *Op. cit.* p. 145.

Martí escreveu em uma linguagem metafórica e expôs inúmeros exemplos para ratificar seu argumento. Esse autor insistiu que a forma ingênua como alguns intelectuais e políticos interpretavam a atuação dos Estados Unidos colocava em grande perigo a soberania dos países latino-americanos. Foi pensando nisso que procurou meios de auxiliar no esclarecimento da realidade política da América Latina e assim ajudar também a corrigir, através dos fatos que seriam elucidados, o entusiasmo e a admiração “irrefletida” – a *yanquemanía* –, da vida política e do caráter dos Estados Unidos, por parte de alguns latino-americanos.⁸⁸

No citado artigo “La verdad sobre los Estados Unidos”, Martí afirmou que nesse intuito, de deixar clara a realidade política latino-americana, o jornal *Patria*, a partir daquele momento, daria início a uma sessão de “Apuntes sobre los Estados Unidos”.⁸⁹ Tal sessão publicaria artigos traduzidos, sem comentários ou alteração de qualquer ordem, dos primeiros jornais norte-americanos a respeito dos acontecimentos que revelariam as “verdades útiles a nuestra América”. Na opinião do escritor cubano, essas verdades se constituíam essencialmente em duas. A primeira: “el carácter crudo, desigual y decadente de los Estados Unidos”. A segunda: “la existencia en ellos continua, de todas las violencias, discordias, immoralidades y los desordenes de que se culpa a los pueblos hispanoamericanos”.⁹⁰

Para Martí, as discussões racialistas da época, que davam ênfase a existência de uma espécie de luta de “raças” entre a “latina” e a “anglo-saxônica”, servia para legitimar injustiças e reforçar preconceitos. O que deveria ficar claro, e seria fundamental que se revelasse à *nuestra América* era: “la verdad toda americana, de lo sajón como de lo latino, a fin de que la fe excesiva en la virtud ajena no nos debilite, en nuestra época de fundación, con la desconfianza inmotivada y funesta de lo propio”.⁹¹

Martí pode ser visto como um dos intelectuais mais perspicazes e atentos ao imperialismo estadunidense do período. Em seus discursos, preocupou-se não apenas em apontar os perigos que cercavam o continente, mas expor os elementos que corroboravam e ilustravam o seu argumento. Foi indubitavelmente um dos pioneiros, na denúncia do imperialismo norte-americano.

⁸⁸ José MARTÍ. “Nuestra América”. *Op. cit.* p. 129.

⁸⁹ José MARTÍ. “La verdad sobre los Estados Unidos”. *Op. cit.* p. 202.

⁹⁰ *Ibid. Loc. Cit.*

⁹¹ *Ibid.* p. 201.

Em seus escritos, não poupou críticas de toda ordem aos Estados Unidos e ofereceu inúmeros exemplos para demonstrar o que efetivamente estava por trás da política norte-americana, em uma carta (não concluída) escrita no dia 18 de maio de 1895,⁹² à seu amigo Manuel Mercado (1838-1909), afirmou: “viví en el monstruo, y le conozco las entrañas”.⁹³ Dessa forma, usou sua longa experiência nos Estados Unidos para apontar a ameaça que eles representavam para a América Latina e atacar os políticos latino-americanos que irrefletidamente desejavam à aproximação com os Estados Unidos.

Para Martí as iniciativas norte-americanas do período indicavam claramente as suas intenções de domínio territorial, político e econômico do continente americano. As propostas de pan-americanismo e união monetária, apesar de virem encobertas por um discurso brando, se fossem observadas cuidadosamente, segundo o autor, revelariam que apenas os Estados Unidos sairiam beneficiados desses acordos.

A forma como o escritor cubano analisava a presença norte-americana no continente guarda relação com sua experiência de luta pela emancipação política de seu país, que o obrigou a viver fora da ilha por muitos anos nos Estados Unidos e lhe permitiu observar de perto o despontar da potência imperialista.

Rodó, diferentemente de Martí, embora tenha percebido as ameaças denunciadas pelo escritor cubano, preocupou-se, sobretudo com o perigo moral que os Estados Unidos representavam para a América Latina. Isso estava muito ligado, conforme foi visto, ao entusiasmo que publicistas, sobretudo, argentinos, alimentavam em relação aos norte-americanos. A admiração, apontada por Rodó e denominada de *nordomania*, poderia se transformar em imitação, o que levaria a uma descaracterização da América de tradição ibérica e que possuía uma constituição distinta do “colosso do norte”. O escritor uruguaio chamou atenção para que:

Imita-se aquele em cuja superioridade ou prestígio se acredita. É assim que a visão de uma América *deslatinizada* por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo regenerada à imagem e semelhança do arquétipo do Norte, paira sobre os sonhos de muitos sinceros interessados em nosso porvir, inspira o deleite com que eles, a cada passo, formulam os mais sugestivos paralelos e se manifesta por constantes propósitos de

⁹² Martí morreu no dia 19 de maio.

⁹³ José MARTÍ. “A Manuel Mercado”. *Op. cit.* p. 209.

inovação e reforma. Temos nossa *nordomania*. É preciso opor-lhe os limites assinalados, de comum acordo, pela razão e pelo sentimento.⁹⁴

Nessa perspectiva, o escritor julgou importante destacar as diferenças entre as duas Américas, que segundo ele, apesar de dividirem a mesma geografia eram constituídas de tradições muito distintas. Rodó, portanto, mais preocupado com questões de perda da tradição e descaracterização do que considerava a identidade latino-americana, também denunciou a crescente influência dos Estados Unidos no continente, mas se referia acima de qualquer coisa à influência moral.

A crítica de Rodó aos Estados Unidos, tal como a de Martí, cabe ressaltar, não levou a uma negação absoluta de seus valores. O escritor uruguaio reconhecia os benefícios do progresso, e por isso propôs a conciliação otimista entre os valores norte-americanos e latino-americanos, ou seja, a “influencia recíproca entre la actividad utilitária del progreso y lo ideal”.⁹⁵

Nesse sentido, Rodó definiu os norte-americanos, conforme vimos, como um povo portador de uma experiência de liberdade inerente, à qual se conservaram fiéis, e de uma moral do trabalho e do voluntarismo. Os Estados Unidos, para ele, possuíam uma capacidade extraordinária de “querer”, o que poderia ser observado na paixão infinita pelo trabalho e pelo combate pela expansão material nas suas mais variadas formas.⁹⁶

Já os latino-americanos, para o escritor uruguaio, carentes desse caráter “perfeitamente original autônômico”, seriam distinguidos inversamente, pela “herança de raça”, pela “grande tradição étnica”, que deveria ser conservada por esta ser exatamente uma conexão sagrada que os uniria a páginas imortais da história, confiadas à honra deles para sua continuação no futuro. Para isso, o escritor uruguaio recomendava a retomada da idealidade do belo, do desinteressado desejo de verdade, como condição para que assim, o princípio hierárquico triunfasse sobre a mediocridade. Nessa perspectiva, se empenhou em mostrar que a “raça ibérica” poderia alcançar o progresso e a civilização sendo fiel à sua própria essência.

Rodó preocupou-se em esclarecer que a premissa civilizatória defendida por Alberdi de que na América “governar é povoar”, poderia redundar em erro,

⁹⁴ José Enrique RODÓ. *Op. cit.* p. 70.

⁹⁵ Marco Antonio PAMPLONA. “Una perspectiva ‘arielista’”. *Op. cit.* p. 187.

⁹⁶ *Ibid. Loc. Cit.* p. 20.

uma vez que, em sua opinião, “governar é povoar, em primeiro lugar assimilando, e a seguir educando e selecionando”.⁹⁷ Lembremos que a região do Prata recebia muitos povos europeus no período, e para Rodó, apenas povoar as áreas, até então, vazias, não conduziria necessariamente ao progresso. A melhor saída se encontrava, portanto, na educação e na reforma da democracia.⁹⁸

Dessa forma, Martí e Rodó se preocuparam com a crescente presença dos Estados Unidos na América Latina e denunciaram o que isso representaria para o continente. No entanto, eles perceberam diferentes implicações de tal presença, naquele período. Para Martí o imperialismo do “ambicioso vizinho”, caso não fosse “freado”, levaria a perdas efetivas: territoriais, econômicas e políticas. O que poderia conduzir também a um novo domínio colonial na América Latina. Já para Rodó, que naquele momento, estava distante, da área de influência (política e econômica) norte-americana, preocupava-se com a influência moral que os Estados Unidos poderiam exercer sobre os países do continente, devido à admiração que alguns intelectuais, seus coetâneos, sentiam por este país, defendendo, por isso, a adoção do modelo de desenvolvimento norte-americano e negando a tradição ibérica.

Martí de maneira diferente de Rodó, ao chamar atenção para o perigo que os Estados Unidos representavam para a *nuestra* América, apontou elementos que indicavam o imperialismo norte-americano. O autor cubano condenou as discussões racialistas, desconsiderando as suas explicações para os sucessos ou fracassos dos países latino-americanos ou dos Estados Unidos. Em sua opinião, qualquer diferença entre os homens não mudava a sua essência, o que haveria de distinto entre latinos e anglo-saxões era apenas o resultado das diferenças históricas.⁹⁹ Por outro lado, Rodó, ao alertar para a ameaça que o grande país representava naquele momento, acabou reforçando as discussões racialistas, ressaltando o que percebia como diferenças entre uma e outra “raça” e defendendo a superioridade espiritual da “raça latina”.

Enfim, ambos os autores, com os seus discursos, tornaram-se referências importantes para a intelectualidade da América Latina. Seja como um revolucionário atento às questões de seu tempo, e que teve seus temores

⁹⁷ José Enrique RODÓ. *Op. cit.* p. 54.

⁹⁸ *Ibid.* p. 188.

⁹⁹ José MARTÍ. “La verdad sobre los Estados Unidos”. *Op. cit.* p. 197.

confirmados no início do século XX, com o domínio dos Estados Unidos na ilha. Seja como um *maestro de la juventud* que ganhou notoriedade em todo o continente e na Espanha com o ensaio *Ariel*, que muitas vezes foi visto como uma espécie de guia para a juventude latino-americana.

Embora as posições de Martí e de Rodó muitas vezes se distanciam, em diversos momentos efetuaram enunciações próximas, como por exemplo, a crítica ao entusiasmo, por parte de muitos latino-americanos em relação ao modelo de desenvolvimento norte-americano, e o temor em relação à presença dos Estados Unidos no continente. Ao fazerem isso, contribuíram para a construção da polarização entre a América Latina e os Estados Unidos. Ambos os autores também influenciaram a intelectualidade latino-americana e ainda hoje, seus escritos estimulam vigorosos debates e despertam a atenção de estudiosos interessados em compreender a identidade latino-americana frente aos Estados Unidos.